

## O PAPEL DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DE UM GRUPO IMIGRANTE ITALIANO. CURATO DE COLOMBO, PARANÁ, 1878 – 1899.

Fábio Luiz Machioski\*

Este estudo visa discutir a importância da religião na vida dos imigrantes italianos que se instalaram no Brasil no final do século XIX. Mais especificamente, o que se pretende é investigar se a religião pode ser, ou não, considerada como a principal vertente na construção da identidade cultural dos imigrantes dessa origem.

Nessa direção, apresentamos aqui um estudo de caso, tomando como objeto de pesquisa um grupo de imigrantes italianos que se estabeleceu nos arredores da capital paranaense. Esse grupo se instalou em cinco colônias, entre os anos de 1878 e 1888, e formou a freguesia do Curato<sup>1</sup> da Vila de Colombo que, como veremos mais adiante, foi inaugurado em 1895, e deu origem ao município de mesmo nome.

Tabela 01 - Colônias Italianas que formaram a freguesia do Curato de Colombo

Ano	Município	Colônia	Distância da Capital	Área em hectares	Número de Lotes	Número de Imigrantes	Grupos étnicos	Localidade
1878	Curitiba	Alfredo Chaves	24 Km	431,3	40	220	Italianos	Butiatumirim
1886	Curitiba	Antônio Prado	18 Km	414,9	54	248	Italianos e poloneses	Tamandaré
1886	Curitiba	Presidente Faria	20 Km	493,4	50	450	Italianos	Canguiri
1887	Curitiba	Maria José	19 Km	128,0	13	78	Italianos	Canguiri
1888	Bocaiúva	Eufrásio Correia	34 Km	426,9	33	198	Italianos	Capivary

\*Tabela construída basicamente pelas informações de duas obras:

1- BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil P. e WESTPHALEN, Cecília M. **História do Paraná**. 1º vol. Curitiba: GRAFIPAR, 1969; pp.165 e 166.

2- MARTINS, Romário. *Quantos somos e quem somos, dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná*, pp. 148, 152 e 160.

Portanto, nosso objeto de estudo é constituído pelos imigrantes italianos e descendentes de cinco colônias: Alfredo Chaves, Antonio Prado, Presidente Faria, Maria José e Eufrásio Correia.<sup>2</sup> Abrange o período de 1878, data de instalação da primeira colônia, até o ano de 1899, quando ocorreu a benção da pedra fundamental para a construção da Igreja Matriz do Curato da Vila Colombo.

\* Fábio Luiz Machioski é historiador pela Universidade Federal do Paraná (2004). Atualmente trabalha junto ao Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Colombo e está cursando Especialização em Linguagens do Patrimônio Cultural na Universidade Tuiuti do Paraná. Atua principalmente nos seguintes temas: Imigração Italiana, Município de Colombo, Patrimônio Imaterial, Italianidade e Dialeto Veneto.

## Na Itália partir se torna a solução

O contexto em que a Itália fornecedora de emigrantes se inseriu foi o do avanço do capitalismo e da *transição demográfica*.<sup>3</sup> Momento em que os países europeus tornavam-se industrializados e que pressões econômicas e sociais foram geradas pelo avanço demográfico, que fez a Europa aumentar sua população duas vezes e meia. Assim, surgiu em toda Europa um excedente de mão-de-obra que a industrialização tardia de países como a Itália não tinham como absorver. A primeira tentativa para solucionar a falta de emprego foi à migração interna, do campo para a cidade. Porém, como já dissemos, a industrialização italiana não era capaz de absorver os excedentes do campo. Então a solução foi emigrar, atravessar o oceano.

Torna-se evidente que a transição demográfica, a expansão do capitalismo e as grandes migrações formam um conjunto de processos interligados igualmente no espaço. “As diversas ondas emigratórias européias, que atingiram o apogeu na passagem do século XIX para o XX e retomaram com outras características no período entre guerras, acompanharam de certa forma o avanço da transição demográfica e do capitalismo, expandindo-se sucessivamente do Noroeste para o Sul e Leste Europeus” (Andreazza e Nadalin, 1994:63).

Isso explica, no caso da emigração italiana, o fato de que, entre as primeiras correntes de estrangeiros dessa origem vindos para o Brasil, predominem italianos setentrionais. É desta região que provém o grupo de imigrantes instalado nas colônias que estamos investigando. Esta foi a primeira resposta para nossa pesquisa, pois no momento em que conhecemos o lugar de origem do grupo investigado pudemos analisar a realidade vivida por este antes de emigrar.

Nessa direção, construímos uma tabela com base nas atas de casamentos dos imigrantes dessas colônias. Encontramos 293 imigrantes dos quais os registros fazem menção da região de procedência, observando-se a seguinte distribuição:

**Tabela 02 – Procedência Geral dos Imigrantes Italianos do Município de Colombo**

REGIÕES ITALIANAS	VÊNETO	FRIULI VENEZIA GIULIA	LOMBARDIA	PIEMONTE	TRENTINO ALTO ADIGE	TOTAL
<i>Número</i>	254	21	8	5	5	293
<i>%</i>	86,6	7,2	2,8	1,7	1,7	100

**Fonte:** Registros de Casamento da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Colombo e da Paróquia São José de Santa Felicidade, e da Catedral Nossa Senhora da Luz de Curitiba.

Fica claro que a origem regional da maioria dos imigrantes italianos instalados nas colônias investigadas é o Vêneto, com 86,6% de representatividade.<sup>4</sup> Na prática, a região do Vêneto se divide em áreas de colinas e montanhas, como Vicenza, Treviso, Belluno, e áreas de planícies, como Verona, Rovigo, Padova e Venezia. A divisão da propriedade obedecia ao seguinte critério: “pequenas e médias nas regiões de montanha e colinas; grandes propriedades, já com caráter capitalista, nas regiões de planície” (Alvim, 1986:28).

As famílias que, num primeiro momento, abandonaram a Itália pertenciam, em grande parte, ao universo dos pequenos proprietários. Isso se explica pela forma como ocorreu a penetração capitalista no campo: concentração da propriedade; altas taxas de impostos sobre a terra, que impeliram o pequeno proprietário a empréstimos e ao conseqüente endividamento; oferta, pela grande propriedade, de produtos a preços inferiores no mercado, eliminando a concorrência do pequeno agricultor; e, finalmente, a sua transformação em mão-de-obra para a indústria nascente.

A produção desses pequenos proprietários se apoiava no trabalho de toda família, e era da terra que eles tiravam a maioria dos alimentos para a sua sobrevivência. Esse hábito milenar ligado à pequena propriedade criava a ilusão, para esses camponeses, de independência. As famílias vênetas, geralmente bem numerosas, viviam do pequeno núcleo de terra que lhes pertencia. O pai era a autoridade máxima e o grupo se mantinha unido enquanto a propriedade fornecia os recursos necessários à sua manutenção.

Toda essa população alimentava-se basicamente de polenta. Quando a mesa era farta, o cardápio não passava de peixe, ovo, salames e verduras e raramente se comia pão de farinha de trigo e carne de gado. O vinho era tomado somente na época da colheita da uva; depois, só se consumia o “vinhete”, espécie de qualidade inferior obtido da segunda prensagem das uvas com água. As roupas, tanto dos homens como das mulheres, eram grosseiras, tecidas em casa. Em geral eram feitas de algodão cru e de lã mista. A grande maioria vivia descalça e só cobriam os pés no inverno com sapatos e tamancos feitos de madeira e alguma lã qualquer. As moradias desses pequenos proprietários também deixavam muitas a desejar, como podemos perceber por meio de um relato encontrado na obra de *Zuleika Alvim*, que descreve as casas dessa porção da população italiana como:

*“Casebres baixos, cheios de frestas, caindo aos pedaços, que deixavam transparecer, pelos buracos usados como janelas e pelas fissuras dos muros, a mais triste miséria; no interior, poucos cômodos imundos (...), as paredes revestidas de pó secular (...); o chão do térreo é de terra ou de pedras mal ajustadas, o plano superior é formado por tabuleiros bamboleantes, as pequenas janelas onde normalmente faltam os batentes, são tapadas por vidros ou folhas de papel, os únicos móveis são um leito ou dois sobre cavaletes, um baú e os utensílios indispensáveis para a cozinha e a agricultura. (...) o número de cômodos de uma casa é variável, mas sempre muito inferior a necessidade da família (...) cada quarto serve a três ou quatro pessoas, (...). Assim como descrevemos são quase todas as casas dos trabalhadores da terra ”*  
(Alvim, 1986:31)

Portanto, o que observamos é que essa porção da população italiana vivia num estado de extrema pobreza, e que, por esse motivo, gastavam suas vidas unicamente na luta pela sobrevivência. Sendo assim, podemos imaginar que o mundo desses homens e mulheres ligados a terra era formado pelos limites da comunidade, e que o ideal econômico desses

camponeses era o da subsistência. Conseqüentemente, a organização social e familiar era estritamente local, onde o cotidiano variava do trabalho para a igreja. Sem dúvida eram esses dois valores, o amor a terra e a religião, que impulsionavam a existência desses camponeses e os faziam dedicar a vida inteira para a manutenção de seu pedaço de terra e de sua família.

Traçada essa paisagem de pobreza causada pela industrialização e pelo grande aumento demográfico podemos entender quais os motivos que levaram muitos camponeses a abandonar sua terra natal para se aventurarem em outros continentes. A falta de terra e a falta de emprego na Itália fizeram com que muitas famílias encontrassem na emigração a única solução para a sua sobrevivência.

Dessa forma, podemos classificar o imigrante italiano que primeiro chegou ao Brasil como pequeno agricultor proveniente das regiões montanhosas da parte setentrional da Itália. Foram esses os emigrantes de origem italiana que se deslocaram num primeiro momento e que vieram instalar-se nas colônias inseridas no contexto paranaense e que servem para nós de objeto de estudo. Essa primeira análise nos permitiu saber quais foram os motivos que fizeram esses camponeses abandonar a Itália. Desde já também, os primeiros indícios nos revelam qual era o sonho desses homens e mulheres ao deixar a terra natal: uma porção de terra que ficasse perto de uma igreja, onde pudessem se sentir independentes, a fim de reconstruir um mundo à semelhança do que deixavam para trás.

### **O Paraná dentro do cenário da Imigração no Brasil**

Ao contrário de outras regiões do Império, como era o caso da província paulista, onde a imigração se destinava a suprir a carência de mão-de-obra na grande lavoura de exportação, no Paraná, o problema imigratório foi desde logo colocado no sentido de criar-se uma agricultura de abastecimento. Esse problema que tomava conta de todo o país pode ser observado no Paraná através de um trecho do Relatório do Presidente da Província de 1858:

*“É para se lamentar que esta província, cujos terrenos produzem com abundância a mandioca, o arroz, o café, a cana, o fumo, o milho, o centeio, a cevada, o trigo e todos os gêneros alimentícios, compensando tão prodigiosamente os trabalhos do agricultor, receba da marinha e por preços tão exagerados a maior parte daqueles gêneros. Este estado de cousas porém tenho que continuará e que só quando colonos morigerados e laboriosos vierem povoar vossas terras vastas e fecundas, aparecerá abastança dos gêneros alimentícios e abundantes sobras do consumo irão dar nova vida ao comércio de exportação dos produtos agrícolas.”*

(Relatório do Presidente Francisco Liberato de Matos, 1857:21)

Sendo assim, o governo da província paranaense desenvolveu uma política imigratória, sempre visando à criação de núcleos coloniais voltados para a agricultura de abastecimento, fator que atraiu uma diversidade de europeus. Dentre esses os que mais se

destacam na contribuição demográfica do Paraná, em termos de densidade, são os seguintes: “Poloneses (49,2%), Ucranianos (14,1%), Alemães (13,3%) e, finalmente, Italianos (8,9%), formando as outras etnias apenas 14,5%” (Balhana; Machado e Westphalen, 1969:184).

O grupo específico que pretendemos analisar está inserido entre os 8,9%, representados pelos imigrantes italianos estabelecidos no Paraná. Foi a partir de 1875 que esse contingente começou a chegar em grandes levas, ano em que surgiu no litoral paranaense a colônia Alexandra, estabelecida pelo empresário de colonização Sabino Tripotti. Porém, este empresário não estava preocupado com o estabelecimento dos colonos, na verdade queria atrair o maior número de imigrantes simplesmente para obter mais lucros, fato que impediu o sucesso do primeiro núcleo de imigrantes italianos no Paraná.

Esta experiência criou um clima desfavorável para a colonização no litoral paranaense de modo, que os estrangeiros ali instalados, sentiram a necessidade de remigrar para o planalto; para isso, contaram com o apoio do governo. “Esse fato se insere no programa colonizador elaborado na administração do Presidente de Província Adolpho Lamenha Lins, que direcionou a atividade colonizadora para os arredores de Curitiba, e de modo geral para o planalto curitibano” (Balhana; Machado e Westphalen, 1969:169). Esse programa colonizador visava implantar colônias agrícolas nas proximidades dos centros urbanos, com o objetivo de colocá-las em contato com os mercados consumidores. Assim, nos arredores de Curitiba foram instalados numerosos núcleos coloniais situados a distâncias que variavam de 2 quilômetros até 30 quilômetros do centro urbano da capital paranaense.

É nesse contexto que podemos inserir a inauguração dos núcleos coloniais que formaram o grupo que estamos investigando. Tomemos como exemplo a fundação da colônia Alfredo Chaves, a mais antiga das colônias que formaram o grupo. Sobre a criação dessa colônia, uma notícia importante é encontrada no Jornal Dezenove de Dezembro, que informa sobre a sua estrutura, bem como sobre sua emancipação, meses depois de sua fundação:

*“No dia 04 do corrente realizou-se a emancipação da colônia Alfredo Chaves, fundada em setembro do ano findo, procedendo-se nessa ocasião a distribuição dos títulos provisório de lotes de terras aos colonos. Situada a 23 Km desta Capital, assenta em terrenos de grande fertilidade. Conta 80 lotes, sendo 40 urbanos e 40 rurais, formando os primeiros a povoação que se denomina - Alfredo Chaves, composta pelas ruas Therezio, Antunes, Limoeiro, Chalréo e Torres. Ocupa a colônia a área total de 4.847.970 metros quadrados. Sua população é de 162 pessoas, sendo 48 homens, 42 meninos, 42 mulheres e 30 meninas.”*  
(Dezenove de Dezembro, 09/01/1879)

O que mais chama atenção nesse documento é o fato do núcleo possuir 80 lotes, subdivididos igualmente em lotes urbanos e rurais. “Os primeiros eram destinados à construção das casas desses imigrantes, da igreja da colônia, da escola e ao futuro

estabelecimento de casas comerciais; já os lotes rurais eram dispostos em linhas vicinais e serviam para a atividade agrícola dos colonos” (Andreazza e Nadalin, 2000:45).

Esse fato nos permite imaginar que a colônia foi induzida a formar não só uma unidade de produção de alimentos de subsistência, mas também uma vila. Essas intenções estão demonstradas na planta da colônia:



**Fonte:** *Planta da Colônia Alfredo Chaves*. Acervo da Secretaria do Meio Ambiente do Estado Paraná. Redução do original na escala 1:10.000.

Tal hipótese é confirmada ao constatarmos que esse núcleo deu origem ao município de Colombo, ao ser elevado à categoria de Vila pelo decreto nº 11 de 8 de janeiro de 1890:

*“Art. 1º - Fica elevada à categoria de vila, com a denominação de ‘Colombo’, a povoação sita na colônia Alfredo Chaves.”*  
(Leis do Estado do Paraná, 1890:19).

Tanto o mapa como o extrato de jornal que apresentamos anteriormente, trazem informações sobre os lotes da colônia e nos revelam que os imigrantes italianos ali instalados deveriam se dedicar à agricultura de subsistência, em pequenas propriedades rurais, suposição que é confirmada ao analisarmos mais um extrato de fonte:

*“Fundada em setembro de 1878 por italianos do Padre Angelo Cavalli, que recusaram estabelecer-se no Piraquara, está situada em terrenos de boa qualidade e a pouca distância da Colônia Santa Cândida, arredores de Curitiba. Os colonos acham-se satisfeitos, a ponto de preferirem trabalhar em seus lotes, a prontarem estradas...”*  
(Correspondência do Governo do Estado, livro 567, 1879).

Este último documento nos permite duas observações sobre os imigrantes dessa colônia. Primeiro, a participação de um imigrante sacerdote, que com certeza serviu de líder para esses colonos italianos remigrados do litoral para o planalto curitibano, indica que a

cultura desse grupo estava ligada a religião. E mais, a maneira como o documento se refere sobre eles, *italianos do Padre Angelo Cavalli*, pode estar apontando que a identidade do grupo era pautada basicamente no valor religioso, e este sustentava o sentimento de pertença desses imigrantes.

Da mesma forma, o fato de optarem por uma região, ao mesmo tempo, que rejeitaram outra, nos faz imaginar que esses imigrantes italianos formavam um grupo homogêneo e que essa, provavelmente, foi uma atitude de autopreservação, na medida em que o grupo não quis se misturar com outro. Sabe-se que a região do *Piraquara*, a qual foi rejeitada pelo grupo, já havia recebido imigrantes italianos, dando lugar a Colônia Santa Maria do Novo Tirol, porém, tratavam-se de colonos vindos de outra região da Itália, do Trentino Alto Adige, e que certamente falavam outro dialeto e possuíam uma outra *cultura imigrante*, diante da qual os italianos da região do Vêneto optaram por não manter um *contato cultural*<sup>5</sup>.

Portanto, os documentos apresentados nos informam sobre a formação de um núcleo colonial independente e de certa forma isolado, pois estava localizado a uma distância considerável, na época, do centro urbano de Curitiba. Esse fato sugere que nesse núcleo colonial formou-se um grupo étnico bem homogêneo, na medida que era constituído por indivíduos que possuíam elementos culturais em comum, capazes de agir, mesmo que inconscientemente, para autopreservar suas tradições, suas práticas específicas, em resumo sua identidade.

### **O Curato de Colombo e a Construção de uma Cultura Imigrante**

Os italianos da região do Vêneto eram católicos fervorosos a ponto de terem seu cotidiano dividido apenas entre o trabalho e a igreja. Esse fato nos faz imaginar que, ao chegarem em uma terra desconhecida, seriam esses valores que pautariam a ‘*reconstrução*’ da identidade étnica desses estrangeiros. “Os imigrantes encontravam na fé religiosa e na assistência de seus pastores um elo de proximidade e de identificação cultural que possibilitava ultrapassar o trauma da mudança e da adaptação às novas contingências e estruturas” (Balhana, 2002:295). “O fato era que esses imigrantes não descansavam enquanto não construíssem uma capela e não tivessem um padre para rezar a missa” (Alvim, 1998:261).

Nesse sentido, o primeiro passo depois de obterem uma pequena porção de terra para construir suas casas e desenvolverem sua atividade agrícola, era unir forças para a construção de uma igreja. Este local serviria para o encontro dos moradores da colônia, onde além de cumprirem com seus preceitos religiosos poderiam conversar a respeito do seu dia-a-dia, trocar experiências, escapando do isolamento social.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que esse processo unia os moradores da colônia e fortalecia os seus laços de vizinhança, como também afirmava a identidade do grupo, na medida que um imigrante encontrava no outro as mesmas características e anseios, e isso criava em si um sentimento de pertencimento. Isso na realidade era uma retomada da vida coletiva que era desenvolvida no país de origem. Ou seja, através da prática religiosa os imigrantes queriam reorganizar-se social e culturalmente, mantendo seus valores étnicos. Além da língua de origem, o que criava um sentimento de coletividade entre esses italianos e seus descendentes era o fato de que se consideravam católicos, e essa catolicidade permitia que eles se identificassem uns com outros.

Vejamos os indícios históricos que demonstram que o grupo de italianos que estamos investigando passou por esse processo. Isso pode ser comprovado pelo documento que apresentamos a seguir. Trata-se de um abaixo-assinado no qual quarenta e um italianos da Colônia Alfredo Chaves solicitam ao Presidente da Província a construção de uma igreja e um cemitério:

*“Nós, abaixo assinados, colonos residentes na colônia Alfredo Chaves, pedimos a V. Ex.<sup>a</sup> que mande colocar a Igreja e o cemitério da dita colônia que muito precisamos para conseguir a nossa religião, o que esperamos em V. Ex.<sup>a</sup> esse benefício moral e, outrossim, lembramos a V. Ex.<sup>a</sup> que para a construção desses edifícios poderá o governo utilizar-se das madeiras de dois barracões existentes nesta colônia. Colônia Alfredo Chaves, 21 de janeiro de 1879.”*

(Correspondência Oficial da Província, 1879, L. 583:20 e 21).

Por meio deste documento percebemos que esses imigrantes consideravam indispensável para o seu *benefício moral* a existência de um local onde pudessem se reunir em comunidade para *ter sua religião*. “Isso se explica pelo fato de que o espaço vital do homem vai além das dimensões biológicas, ele amplia-se a um sistema de valores, ao qual chamamos de cultura” (Santin, 1996:599).

Outra informação que chama bastante atenção é que esse abaixo-assinado foi organizado rapidamente, apenas quatro meses depois da instalação desse núcleo colonial que foi inaugurado em setembro de 1878. Isso nos possibilita imaginar que, ao unir forças em favor de sua prática religiosa, esse grupo de colonos rapidamente abandonou o isolamento social no qual possivelmente estavam vivendo. Na verdade, acreditamos que, por de trás dessa atitude de fé, esses estrangeiros carregavam também um outro desejo. Queriam ter um lugar que fosse comum a todos, aonde pudessem inserir-se socialmente, e que lhes possibilitassem fazer parte da comunidade.

Nessa mesma direção, podemos apresentar aqui outro acontecimento comum para as colônias que investigamos, também inserido no campo da religiosidade, mas que acentua a busca por um lugar de convívio social. O fato é que em mais de uma das colônias que

investigamos os imigrantes uniram suas forças para obter um terreno que fosse destinado unicamente para a construção de uma capela. Além de pagarem pelos seus lotes particulares eles juntavam as economias de todos os colonos no intuito de quitar um terreno que pertencesse a todos da comunidade. Isso ocorreu, por exemplo, nos núcleos: Presidente Faria e Eufrásio Correia. Sobre o primeiro, os registros contidos no livro “Cadastro da Colônia Presidente Faria” conservado pelo Arquivo Público do Estado do Paraná, trazem a seguinte informação ao se referir sobre os proprietários dos lotes dessa colônia:

*“ ... Lote nº 49 - Annibale Ferrarini. Quitado: 15/09/1893.  
Lote nº 50 – João Vicentin. Quitado: 24/04/1895.  
Lote nº 51 - Igreja da Colônia Presidente Faria. Quitado: 14/11/1899”*  
(Cadastro do Núcleo Presidente Faria. Livro nº 10, 1886).

O mesmo ocorre para o núcleo Eufrásio Correia que teve seu lote número 20 separado para a construção da igreja e do cemitério, como nos informa o livro de cadastro da respectiva colônia no momento em que trata dos nomes dos proprietários dos seus lotes:

*“... Lote nº 20 – Este lote é do patrimônio da Igreja e do Cemitério com área de 135.655 m<sup>2</sup> ...”*  
(Cadastro do Núcleo Eufrazio Correa. Livro nº 15, 1888).

Porém, essa questão não era resolvida simplesmente com a construção de uma capela, pois outros fatores impediam que as necessidades religiosas desses imigrantes fossem supridas de imediato. Entre estes, os mais importantes eram a distância dos núcleos coloniais e a falta de sacerdotes para realizar as celebrações. Diante dessa realidade, entre os anos de 1878 até 1885, os imigrantes da região que desejassem cumprir com os seus preceitos religiosos precisavam deslocar-se até o perímetro urbano de Curitiba. Foi na Paróquia Nossa Senhora da Luz que os italianos instalados nos núcleos que investigamos celebraram seus primeiros atos religiosos indispensáveis, como batizados, casamentos e óbitos.

Outra forma de solucionar o problema da falta de assistência religiosa foi apresentada somente em 1885. A partir deste ano os colonos passaram a receber visitas esporádicas de missionários italianos que os confortavam espiritualmente. Em 1886, o missionário apostólico Pe. Pietro Cobalcchini recebeu a autorização do Bispo Diocesano Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho para batizar e casar os colonos italianos do Paraná. (Balhana, 2002:298).

Porém, esse trabalho itinerante do missionário não solucionou a carência religiosa dos colonos italianos que almejavam ter o seu próprio pároco. Na tentativa de solucionar o problema, no ano de 1887 o Pe. Pietro Colbacchini dirigiu-se às autoridades eclesiásticas solicitando medidas para regularizar o atendimento religioso nessas colônias. “Em 5 de dezembro do mesmo ano o Bispo de São Paulo transferiu a responsabilidade ao Vigário Geral Forense de Curitiba, para que este, conhecendo melhor as circunstâncias locais, encontrasse a

melhor solução para o problema” (Balhana, 2002:299). O resultado foi a criação de uma Capelania Curada Italiana, inaugurada pelo decreto episcopal de 14 de fevereiro de 1888. Este decreto estabelecia em seu primeiro artigo que essa capelania seria constituída pelos seguintes indivíduos:

*“catholicos imigrados da Itália e seus filhos domiciliados nos ex-núcleos coloniais ora emancipados que são os seguintes: Dantas ou Água Verde, Santa Felicidade, Campo Comprido, e Alfredo Chaves da Parochia de Nossa Senhora da Luz de Corityba; Antônio Rebouças ou Timbutuva e Jugica Mendes da Parochia de Nossa Senhora da Piedade de Campo Largo; Santa Maria do Novo Tyrol, Murici e Zacarias da Parochia do Patrocínio de São José dos Pinhães da comarca eclesiástica de Corityba da Província do Paraná, deste Bispado, que de sua muito livre e espontânea vontade, se quiserem inscrever como aplicados ou jurisdicionados nesta Cappelania.”*  
(Cópia da Portaria referente à Capelania Italiana, 1888:118).

Também ficou determinado por esse decreto que a sede da Capelania ficaria localizada na Colônia Dantas (atual bairro Água Verde em Curitiba) e que seu primeiro Capelão seria o Padre Pietro Cobalchhini. Porém, em 1889 o referido cura fixou residência na Colônia Santa Felicidade, transferindo para lá a sede da Capelania Italiana. Portanto, a partir de 1888 os imigrantes italianos das colônias instaladas ao redor de Curitiba passaram a receber assistência religiosa permanente.

Entendemos que esse foi um passo muito importante para a construção da identidade cultural desses colonos, na medida que agora possuíam um líder, de âmbito espiritual e moral, e mais que isso, um imigrante como eles. “Padre Pietro Colbacchini era vêneto, como a maioria de seus paroquianos, portanto portador das mesmas tradições culturais e podia comunicar-se com eles no seu dialeto próprio” (Balhana, 2002:299).

Segundo Balhana (1958:155), em uma comunidade essencialmente católica, o padre goza, como sempre gozou, da maior consideração social. O sacerdote é respeitado, seguido e obedecido, não só como o guia espiritual dos seus paroquianos, exercendo ação paternalista e mantenedora da ordem moral e religiosa, como também a liderança de movimentos e atividades coletivas de ordem temporal.

Desta maneira este sacerdote permaneceu à frente da capelania até o ano de 1894, ano em que regressou a Itália. Deste ano até o seguinte a assistência religiosa aos colonos italianos ficou por conta do Pe. Francesco Bonato. “Em 1895 chegaram mais dois missionários italianos, os padres Faustino Consoni e Francesco Bresciani, o que possibilitou uma reorganização da capelania. Isso foi feito pelo decreto do Bispo de Curitiba, Dom José de Camargo Barros, na data de 1º de novembro de 1895” (Balhana, 2002:302).

Por meio deste decreto houve o desligamento de cinco colônias da Capelania Italiana, Alfredo Chaves, Presidente Faria, Maria José, Antonio Prado e Eufrasio Correia, todas situadas perto ou dentro da recém criada Vila de Colombo. Conforme as informações obtidas

do documento apresentado a seguir, o desligamento dessas colônias está relacionado à criação do Curato de Colombo, em 28 de outubro de 1895, data na qual o Padre Francesco Bonato passou a residir na respectiva vila, ficando responsável pelos cinco núcleos de imigrantes italianos que por ali se localizavam.

*“Dom José de Camargo Barros, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo da Diocese de Curitiba...  
...Atendendo a necessidade urgente que há de acender-se com administração dos Sacramentos e socorros espirituais aos fiéis do Município Civil da Vila Colombo, até agora pertencentes à Capelania Curada Italiana, já ereto em freguesia civil, mas ainda sem os requisitos legais e canônicos para uma paróquia e tendo em vista o bem espiritual dos fiéis daquela parte do Bispado: Havemos por bem erigir ali, como de fato ereto fica, pelo presente ato oficial, um curato, com todos os privilégios e regalias de direito, tendo como limites os mesmos limites do Município, e este até que observadas as prescrições canônicas seja possível a elevação de Curato a categoria de Paróquia. E para este fim damos Comissão ao Rev<sup>mo</sup>. Padre Francisco Bonato a fim de que possa instalar este novo Curato, fazer aquisição dos livros necessários, a saber, o livro de Tombo e os livros de assentos de Batismo, de Casamento e de Óbito, os quais poderá abrir, numerar, rubricar e encerrar conforme o direito e uso na Diocese e administrar os Sacramentos, e no prazo de trinta dias requerer-nos sua Provisão anual de Cura deste novo Curato...” (Livro Tombo, nº I:1).*

Dessa forma, é que foi constituída a comunidade religiosa que serve para nós de objeto de estudo, formada pelos imigrantes de cinco colônias de italianos, sendo ainda uma delas mista, contendo imigrantes de origem polonesa, e também pelos luso-brasileiros que habitavam o lugar. Com a formação deste novo curato os imigrantes italianos dessas cinco colônias deixam de conviver somente com os elementos da mesma identidade étnica e são inseridos em uma comunidade que passaria a atender também os indivíduos de outras etnias, incluindo os luso-brasileiros. É neste contexto que percebemos todo o processo de criação do grupo homogêneo que estamos investigando, na medida que inserido em uma comunidade formada por diferentes elementos étnicos, o grupo passaria agir para preservar a sua identidade etno-cultural.

Os fatos mostraram que em um primeiro momento os imigrantes italianos encontraram-se abandonados, isolados socialmente, na medida que não possuíam assistência religiosa e não tinham um local para praticar sua religião. Em um segundo momento, no intuito de saírem do isolamento social, foram conduzidos a formar uma comunidade religiosa, com pessoas que possuísem a mesma identidade etno-cultural, buscando assim superar o abandono a que foram submetidos. Só mais tarde veio o terceiro passo, a oportunidade de integração com os brasileiros e os imigrantes de outras nacionalidades.

“Acreditamos que a identidade étnica é um modo particular de identidade social, construída pela situação resultante dos contatos culturais; a identidade expressa-se em um conjunto de representações que um grupo social se faz delimitando suas fronteiras e

marcando suas diferenças em relação aos outros grupos com os quais está em contato” (Oro, 1996:611 e 612). Em outras palavras, o que queremos apresentar é que a identidade étnica aparece no contraste das relações interétnicas, ou seja, trata-se da afirmação de um “nós” diante dos “outros”.

Portanto, o que nos permite dizer que o grupo estudado era homogêneo, além da realidade de pertencerem a um mesmo contingente étnico, é exatamente o fato de que formaram uma mesma comunidade religiosa. A homogeneidade do grupo não foi estabelecida tão somente pelas fronteiras físicas da Vila de Colombo, ou seja, pelas colônias que se localizavam dentro dos limites da dita vila. A união desses colonos deve-se muito mais a existência de um sacerdote, que portava os mesmos traços étnicos desses imigrantes, pois o Padre Francesco Bonato era um italiano como eles, de origem veneta, nascido em Oliero, localidade do município de Valstagna, Província de Vicenza, fato que o tornava um legítimo representante de seus fiéis.

Esse sacerdote lhes oferecia uma unidade religiosa, aonde, ao mesmo tempo, podiam preservar seus valores culturais e integrar-se a sociedade receptora. Isso fica constatado ao lermos um trecho do relatório da visita pastoral de 1897, feita pelo Bispo Diocesano Dom José de Camargo Barros, no qual refere-se a respeito das capelas que faziam parte do Curato:

*“... Dentro dos limites da Villa, alem da Egreja que esta servindo de matriz, existem mais cinco capellas, em diversos pontos da povoação, todas provisionadas com a provisao quinquenal. A Capella de Nossa Senhora da Saude, na Colonia Canguery, de madeira e de tamanho regular, tem como propriedade algum terreno; a Capella de São Sebastião, no bairro da Ressaca, assoalhada, mas ainda não forrada, é feita de tijolos; a Capella da Colonia Antonio Prado, que embora esteja collocada na villa de Tamandaré e parochia de Corytiba por estar além do rio Atuba, é entretanto frequentada pelos colonos, que em grande parte acham-se aquem do rio; e no caminho para Bocayuva estão as Capellas do Espírito Santo e de São Pedro, esta de madeira e aquella, de parede barroteada, ambas forradas e assoalhadas...”*

(Livro Tombo, nº I: 25).

Este documento informa que o Curato de Colombo era constituído pelas seguintes igrejas: a capela que servia de matriz localizada na Colônia Alfredo Chaves, elevada a Vila Colombo; a capela da Colônia do Canguery, que correspondia aos núcleos, Presidente Faria e Maria José; a capela do bairro denominado Ressaca, constituído por brasileiros; a capela da Colônia Antonio Prado, que se localizava na Vila de Tamandaré e; duas capelas que ficavam no caminho para a localidade vizinha: a primeira, a capela do Espírito Santo, também formada por brasileiros e ainda dentro dos limites da Vila de Colombo e a segunda, a capela São Pedro, porém pertencia a Colônia Eufrásio Correia, que já estava nos limites de Bocaiúva.

O que chama atenção é o fato de que duas colônias, Antônio Prado e Eufrásio Correia, estavam fora do perímetro da Vila de Colombo, porém faziam parte da unidade religiosa criada neste local. Isso com certeza deve-se ao fato de que foi nesta unidade religiosa que os colonos desses núcleos encontraram elementos que os permitissem integrar-se à sociedade receptora sem perderem sua identidade étnica. Já no ano de 1896, um ano após a criação do Curato, por designação do Padre Francesco Bonato, o Bispo Dom José nomeou uma comissão composta pelos cidadãos:

*“... Benedito Eleutério Cabral, Emanuel Gomes Pereira, José Francisco da Silva, Ildfonso José de Camargo, Benedito da Costa Cabral, Theolindo da Silva Monteiro, Januário Prestes de Araújo, João Baptista Lovato, José Cavasin, Jerônimo Cavalli dito Mello, Francisco Busato, Pedro Brotto de Andreata, Domingos Ceccon e Ângelo Bertolin, a fim de que possam, enquanto não mandarmos o contrário, promover a construção da Igreja Matriz da mesma paróquia, sempre e de acordo e sob a direção do respectivo pároco, que será o Presidente da referida Comissão.”*  
(Livro Tombo, nº I: 2).

Através deste documento observamos que a comissão formada para a construção da Igreja Matriz, era assim constituída: sete luso-brasileiros e seis italianos. Assim fica confirmado que foi esta comunidade religiosa, denominada Curato de Colombo, que permitiu que esses imigrantes italianos construíssem uma cultura imigrante no momento em que se integravam à sociedade brasileira. Essa comissão ao trabalhar na arrecadação dos meios necessários, propiciou que em 1899 fosse dada a benção da primeira pedra da atual Matriz de Colombo que foi aprovada pela seguinte provisão:

*“Provisão de fundação da Igreja em Vila Colombo de S. Exa. Revma. Bispo Diocesano, Dom José de Camargo Barros, de 18 de março de 1899 autorizou o Pe. Francisco Bonato, Cura da Vila, a benzer a primeira pedra do edifício da nova Igreja que deve servir de Matriz da Vila Colombo, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário.”*  
(Livro Tombo, nº I: 59).

Portanto, esse processo nos revela que as práticas religiosas desses estrangeiros extrapolaram o campo espiritual e assumiram também um papel social. Em outras palavras, o que queremos demonstrar é que a comunidade constituída em torno da religião serviu não só para a prática da fé, mas também para que esses imigrantes fossem inseridos na nova sociedade. Contudo, não estamos afirmando que a religiosidade não era pura, ou seja, não era uma convicção de fé para esses imigrantes italianos, e que simplesmente foi usada por eles para que fossem incorporados na nova sociedade.

O que queremos afirmar é que a religião foi importante para os imigrantes dessa origem, na medida que lhes serviu como um canal de sociabilidade, sem que perdessem sua própria identidade etno-cultural. Pois, o processo de integração precisa ser conduzido com uma certa habilidade para não causar grandes traumatismos. De um lado, precisa-se evitar o

fechamento do grupo, já de outro lado, não se pode provocar sua total abertura. Finalmente, o que estamos propondo é que não só o grupo de italianos que investigamos nesse trabalho, mas também outros grupos de imigrantes dessa origem, que se instalaram no Brasil nesse período, encontraram esse equilíbrio por meio da religião. Na medida que ela oportunizou a esses imigrantes um pertencimento social, ao mesmo tempo, que abriu um caminho para integração sem que tivessem que abandonar a sua identidade étnica.

## Notas

(1) Jurisdição religiosa referente a uma povoação pastoreada por um cura, um sacerdote que reside no local e ali exerce a função vigário.

(2) Essas foram as cinco colônias instaladas em território que hoje pertencem ao Município de Colombo. Diferentemente do que afirma *Sebastião Ferrarini*, na obra *o Município de Colombo*. Curitiba: Champagnat: 1992, a colônia Santa Gabriela não foi instalada no bairro Ressaca da Vila de Colombo, conseqüentemente não fez parte deste grupo, essa colônia se localizava em território que hoje pertence à municipalidade de Almirante Tamandaré.

(3) Transição demográfica é a designação dada ao fenômeno populacional ocorrido inicialmente na Europa e que se refere à passagem de uma sociedade que se equilibrava com níveis elevados de natalidade e mortalidade, para uma fase que anunciava outro equilíbrio com níveis baixos de natalidade e mortalidade. Como a natalidade manteve-se durante algum tempo nos antigos níveis, e a mortalidade diminuiu, o fenômeno gerou excedentes populacionais na Europa.

(4) De qualquer forma, todas as regiões que aparecem são do norte da Itália, e considerando a área setentrional como um todo, podemos levar em conta a semelhança das características sócio-econômicas entre as regiões que a constituem.

(5) Para a construção desta análise estamos nos pautando nos conceitos de *cultura imigrante* e, conseqüentemente, de *contato cultural*. Esses dois conceitos já foram amplamente discutidos pelos estudos sobre a imigração, o primeiro, refere-se à constituição de uma identidade cultural desenvolvida em função dos anseios do imigrante e da resposta do mesmo em relação à sociedade receptora. A segunda diz respeito à relação que esses grupos de estrangeiros e seus descendentes passam a manter com a nova sociedade.

## Fontes primárias e fontes impressas

**Cadastro do Núcleo Presidente Faria.** Livro nº 10, 1886. Arquivo Público do Estado do Paraná.

**Cadastro do Núcleo Eufrazio Correa.** Livro nº 15, 1888. Arquivo Público do Estado do Paraná.

**CÓPIA** da Portaria de 14 de fevereiro de 1888, referente à Capelania Italiana, transcrita no Livro 2 da Vigararia Geral Forense. Curitiba, 1888. Arquivo da Cúria Metropolitana de Curitiba.

**Dezenove de Dezembro, 09/01/1879.** Arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes. (Coleção de jornais do século XIX).

PARANÁ (Província). **Correspondência do Governo do Paraná, livro 567, ano de 1879.** Arquivo Público do Estado do Paraná.

PARANÁ (Província). **Correspondência do Governo do Paraná, livro 583, ano de 1879.** Arquivo Público do Estado do Paraná.

PARANÁ (Estado). Decreto nº 11, de 8 de janeiro de 1890. **Leis do Estado do Paraná, 1890 – 1891.**

**Planta da Colônia Alfredo Chaves.** Acervo da Secretaria do Meio Ambiente do Estado Paraná. Redução do original na escala 1:10.000.

**Planta da Colônia Antonio Prado.** Redução do original na 1:10.000. Instituto de Terras e Cartografia de Curitiba.

**Planta da Colônia Eufrazio Correia.** Redução do original na 1:10.000. Instituto de Terras e Cartografia de Curitiba.

**Planta da Colônia Presidente Faria.** Redução do original na Escala 1:10.000. Instituto de Terras e Cartografia de Curitiba.

**Livro de Casamento 1,** 1895 – 1910. Paróquia Nossa Senhora do Rosário. Colombo, PR.

**Livro de Casamento 1b,** 1888 – 1897. Paróquia São José. Santa Felicidade, Curitiba, PR.

**Livro de Casamento 12, 13, 14 e 15,** 1878 – 1889. Catedral Nossa Senhora da Luz, Curitiba, PR.

**Livro Tombo, n. I.** Paróquia Nossa Senhora do Rosário. Colombo, PR.

**RELATÓRIO** do Presidente Francisco Liberato de Matos, apresentado na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, em 7 de janeiro de 1858. Curitiba, Typografia Paranaense, 1857.

## Referências Bibliográficas

ANDREAZZA, Maria Luiza & NADALIN, Sergio Odilon. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 11, n.1: 61-87, jan./jun.1994.

\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_. **Imigrantes no Brasil: colonos e povoadores**. Curitiba: Editora Nova Didática, 2000.

ALVIM, Zuleika. **Brava Gente! Os Italianos em São Paulo, 1870 – 1920**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. *In*: SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil; v. 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BALHANA, Altiva Pilatti. História Demográfica do Paraná. *In*: WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). **Un Mazzolino de Fiori; v. I**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

\_\_\_\_\_. A vida familiar em Santa Felicidade. *In*: WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). **Un Mazzolino de Fiori; v. II**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2003.

\_\_\_\_\_. Reconstituição de Famílias: instrumento de análise demográfica. *In*: WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). **Un Mazzolino de Fiori; v. III**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2003.

\_\_\_\_\_. Política Imigratória no Brasil Meridional. *In*: WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). **Un Mazzolino de Fiori; v. III**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2003.

\_\_\_\_\_. Fontes para o Estudo da Imigração Italiana no Paraná. *In*: WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). **Un Mazzolino de Fiori; v. III**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2003.

\_\_\_\_\_. Religião e Imigração no Brasil Meridional. *In*: WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). **Un Mazzolino de Fiori; v. III**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Santa Felicidade: um processo de assimilação**. Curitiba: Tip. João Haupt & CIA LTDA, 1958.

\_\_\_\_\_. **Santa Felicidade: Uma Paróquia Vêneta no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1978.

\_\_\_\_\_. **Arquivo da Paróquia de Santa Felicidade**. Boletim n.º 11, Departamento de História. Curitiba: 1971.

\_\_\_\_\_; MACHADO, Brasil P. & WESTPHALEN, Cecília M. **História do Paraná; v. I**. Curitiba: GRAFIPAR, 1969.

\_\_\_\_; \_\_\_\_ & \_\_\_\_\_. Alguns Aspectos Relativos aos Estudos de Imigração e Colonização. *In*: PAULA, Eurípedes Símões de (Org.). **Colonização e Migração**, Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. (s/ed.): São Paulo, 1969.

COSTA, Rovílio. Valores da Imigração Italiana cem anos após. *In: Imigração Italiana: Estudos*, Anais do I e do II Forum de Estudos Ítalos-Brasileiros. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979.

FERRARINI, Sebastião. **O Município de Colombo**. Curitiba: Champagnat, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Imigração Italiana na Província do Paraná e o Município de Colombo**. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1973.

\_\_\_\_\_. **Colombo: centenário da imigração italiana**. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Brasil Monárquico**; reações e transações. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

MARTINS, Romário. **Quantos somos e Quem somos, dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção história do Paraná; textos introdutórios).

\_\_\_\_\_ & BIDEAU, Alain. *Comment des luthériens allemands sont-ils devenus des brésiliens?* (un essai methodologique). **14<sup>e</sup> Entretiens du Centre Jacques Cartier** (Lyon, França, 2001.) [Texto em português publicado no **Boletim de História Demográfica**. São Paulo, **10(29):01-39**, 2003.

ORO, Ari Pedro. “Mi son talian”: considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. *In: DE BONI, Luis Alberto. A presença italiana no Brasil, v. III*. Porto Alegre: Ed. Est., 1996.

PETRONE, Pasquale. Imigrantes italianos no Brasil: identidade cultural e integração. *In: DE BONI, Luis Alberto. A presença italiana no Brasil, v. III*. Porto Alegre: Ed. Est., 1996.

SANTIN, Silvino. Integração sócio-cultural do imigrante italiano no Rio Grande do Sul. *In: DE BONI, Luis Alberto. A presença italiana no Brasil, v. III*. Porto Alegre: Ed. Est., 1996.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.